

A ECOSOFIA ESTÉTICA DE JOSÉ J. VEIGA

GILBERTO MENDONÇA TELES^{1*}

RESUMO:

As novas práticas textuais da arte como “realismo mágico” e consequente fruição estética. A temática de José J. Veiga, como leitura literária social. Desdobramento, deslocamento e repercussão no círculo universitário. Como receberam os ativistas políticos de esquerda tal mensagem literária de então, negando participação política no imaginário literário.

Palavras-chave: descontinuidade; criação poética surrealista; leitura literária.

THE AESTHETIC ECOSOPHY OF JOSÉ J. VEIGA

ABSTRACT:

The new textual practices of art as “magical realism” and consequent aesthetic fruition. The theme of José J. Veiga, as a social literary reading. Unfolding, displacement and repercussion in the university circle. How did the leftist political activists receive such a literary message of the time, denying political participation in the literary imaginary.

Keywords: discontinuity; surrealist poetic creation; literary reading.

1.

Há mais ou menos dez anos escrevi sobre a teoria da ficção, melhor a teoria do romance em Machado de Assis, afirmando que nas ciências sociais da atualidade, como a Poética, o descontínuo não é mais visto como algo inacabado e, portanto, sem valor e função. Pelo contrário, ele passa a valer por si mesmo, na sua dialética de fragmentos, e passa a funcionar como signo de uma “realidade” que nunca é totalmente completada, uma vez que, simétrica ao homem, se transforma e se acaba com ele.

Assim considerado, o descontínuo atua no jogo das semelhanças e diferenças, oferecendo-se como palavra (e não como frase ou pensamento completo) na superfície do texto e, simultaneamente, como marca de um não-

1-* Poeta e ensaísta. Professor Emérito da PUC-Rio e da Universidade Federal de Goiás. Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará e da PUC de Goiás. Reside no Rio de Janeiro há 50 anos, sendo professor aposentado da UFRJ. Lecionou no Uruguai e nas universidades de Portugal (Lisboa), França (Rennes e Nantes), Estados Unidos (Chicago) e Espanha (Salamanca).

dito que se deixa apreender na estrutura profunda, quer o discurso seja de poesia, de ficção e até de crítica literária.

Vê-se logo que se trata de estratégia que se quer uma filosofia diferente, na direção psicanalítica, mas de uma psicanálise da *obra*, não de seu *autor*, que passa imediatamente a ser excluído de toda cogitação. Em seu lugar entra o escritor, aquele que, filho de suas próprias obras, possui uma competência cultural e sabe estilística e artisticamente mobilizar os valores ideológicos e as técnicas de produção do texto literário.

Como essas coordenadas teóricas nem sempre são dadas previamente numa espécie de “profissão de fé”, é lícito pensar que por trás de cada prática textual está a concepção dessa prática, uma ideologia, sistematizada ou não, que se deixa perceber através de marcas lexicais, de um processo de significação que não se entrega todo à primeira leitura. Daí a busca de significantes que, nas entrelinhas, se vão oferecendo como partes que o leitor poderá reunir, como se ajuntasse os membros de um corpo amoroso, segundo a bela alusão de Starobinski.

É neste sentido que tentamos organizar o pensamento teórico de Machado de Assis, assim como fizemos com o goiano JOSÉ J. VEIGA, cuja obra estudamos em *O Conto brasileiro em Goiás* (3ª ed. 2010) e, mais recentemente, em “José J. Veiga – A Renovação do Conto Brasileiro” em *Quatro nomes, Cem Anos: A Literatura de Goiás para o Mundo*. Goiânia: SEDUCE, 2015, onde escrevemos:

Temos hoje a *obra completa* de José J. Veiga com seus contos, novelas e romances. E, dada a confusão que se nota no uso de certos termos com que a crítica costuma caracterizar a sua obra, vendo-a ora como forma de *realismo fantástico*, ora como *surrealista*, ora como *estranha e maravilhosa* e às vezes como espécie de *realismo mágico*, a maioria achando que a linguagem de todos os seus livros é uma só – o *realismo mágico* –, achamos oportuno esclarecer alguns desses termos para ver em que sentido eles estão adequados ou não à bela linguagem literária do escritor [...].

Todas essas denominações usadas pela crítica não passam de variações em torno da grande experimentação do Surrealismo, seja pela vertente freudiana de 1924, seja pela sua expansão marxista de 1930 que predomina na visão social e alegórica das narrativas de José J. Veiga. É do surrealismo entretanto que provém a expressão **realismo mágico**, usada desde 1925 pelos pintores expressionistas alemães e trazido para a literatura hispano-americana, designando os escritores que se expressavam como se estivessem descobrindo um mundo novo, intocado.

Pode-se dizer que na obra de José J. Veiga há muito do **realismo mágico** de mistura com a **ideologia surrealista e marxista** do segundo manifesto, que o levou a falar dos acontecimentos políticos depois do golpe militar de 1964. Há na sua escrita a reunião da realidade com a fantasia, da alegoria com a transformação do real em irreal, deformando-se o tempo e o espaço na construção de uma literatura dirigida a uma minoria intelectual e de bom gosto, um público refinado, culto e exigente na fruição da coisa estética.

É o que se passa, por exemplo, em *A Hora dos Ruminantes*, publicado dois anos depois de 1964, onde se conta a história absurda de um lugarejo pacato – “Manarairema” – o qual é bruscamente submetido à opressão de homens desconhecidos e misteriosos, que se instalam próximos ao lugar que é também invadido por cães e bois, à semelhança de “Os Dragões” do mineiro Murilo Rubião. A narrativa expressa o sentido de opressão aos homens do lugar. No fundo, lê-se uma alegoria em relação ao que se passava com a ascensão dos militares e do Serviço Nacional de Informação (SNI) ao poder nacional.

Trata-se de um tema recorrente na obra de José J. Veiga: vai do conto à novela e desta ao romance, como se vê na **novela** “Quando a terra era redonda”, de *Jogos e festas* (1980), onde se conta que o governo, por força de um Ato Institucional, decretou que era considerado subversivo quem ensinasse ou propalasse que a terra era redonda -- uma vez que para os “sábios” do país ela era mesmo plana, isto é, *chata*, tal como, na sua história, passou a ser ensinada numa cadeira das universidades... A crítica de esquerda cobrava a falta de participação política dos escritores, mas não sabia ler nas entrelinhas a boa literatura que os melhores escritores praticavam no território brasileiro.

2.

Alguma corrente da crítica atual, com nova terminologia, parece retomar a relação com os temas ou com os “três reinos da natureza”, como o queria o botânico sueco Lineu no séc. XVIII: os *Minerais* (sem movimento), os *Vegetais* (plantas e seu movimento fototrópico) e os *Animais* (com movimento especial). Daí o termo bastante atual da **Ecocrítica** [o “eco” aqui, além de se relacionar com o “rumor”, está mais diretamente ligado ao grego *oikós* = lugar onde se habita, espaço, casa]. Com a Ecocrítica se procura expressar hoje o espaço vital, visível e invisível, do homem com a sua produção artístico-literária, isto é, com os três reinos e como eles interagem com a especial circunstância de ser um tema ou um escritor do cerrado.

É o que nos mostra a bela dissertação de Mestrado da Professora WANICE GARCIA BARBOSA, mineira da famosa Serra da Boa Esperança e que há quase vinte anos vive em Goiânia. Wanice possui Licenciatura Plena

em Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa; é pós-graduada *latu sensu* em Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Psicopedagogia. Acaba de concluir o seu Mestrado de Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, cuja dissertação teve a honra de dirigir.

Desde 1995 é professora de Português no Colégio Estadual Hugo de Carvalho Ramos, hoje Colégio Estadual da Polícia Militar do Estado de Goiás; é Professora de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás. Palestrante sobre temas das seguintes Linhas de Pesquisa: Correntes Literárias Contemporâneas, o Imaginário e a Ecocrítica, como se verá a seguir no seu recente trabalho acadêmico, onde o leitor se depara com uma linguagem crítica nova, bebida em autores do porte de Heidegger, Sartre, Gilles Deleuze, Zygmunt Bauman, Todorov, Felix Guattari, além dos goianos Maria Zaira Turchi e José Fernandes.

3.

Respalhada por toda essa força teórica que encontrou nos cursos de pós-graduação da PUC de Goiás, a professora Wanice Garcia Barbosa debruçada sobre a grande e original produção ficcional de José J. Veiga, nos mostra o sentido da transformação do rizoma literário e da sua ramificação por um novo território, “desterritorializado” em face da linguagem colonial, que continua sua repetição de “*ritornelo como produção de resistência aos agenciamentos maquínicos da liquefação do mundo contemporâneo*”.

É por aí que ela explica o sentido do realismo mágico e do fantástico que “*desterritorializa pela via do imaginário*” as narrativas de José J. Veiga e, pela sua Ecoficção, mostra que a modernidade traz consigo alterações no plano mental, no ambiente e no social. Isso se pode ver no impacto provocado nas pequenas cidades goianas diante das construções modernas de Goiânia, depois Brasília e o papel da política da época. O silêncio do colonizado provocado pelo colonizador que passa, não fica, mas transfigura a realidade. Os “mapas” são constantemente alterados como os rizomas, que são conectados a outros pontos em constante movimento circular.

O que chamei de “descontínuo” no início se repete aqui, com outro termo e acepção, no “pontilhismo” de uma “pintura” verbal, de uma “ecologia mental” que denuncia uma “Coerção social” no território narrativo de José J. Veiga. E mostra claramente ao leitor que, para além de uma simples “visão ecológica”, a sua obra é condutora de uma “Ecosofia” – uma filosofia do espaço no Centro Oeste do Brasil.